Editor: Carlos Alexandre de Souza
carlosalexandre.df@dabr.com.br
3214-1292 / 1104 (Brasil/Política)

GOVERNO

Lula cobra apoio do UB para manter ministro

Presidente resolve ignorar denúncias contra Juscelino Filho, mas exige do partido dele fidelidade nas votações no Congresso

» KELLY HEKALLY
Especial para o **Correio**

Isac Nóbrega/MCom



O ministro das Comunicações, Juscelino Filho, disse que a reunião foi "muito positiva": "Esclareci as acusações infundadas feitas contra mim"

Mesmo alvo de uma série de denúncias, o ministro das Comunicações, Juscelino Filho, seguirá no cargo. A decisão do presidente Luiz Inácio Lula da Silva visa evitar desgaste com o União Brasil, partido do titular da pasta, e ocorre no momento em que o chefe do Executivo ainda não tem uma base sólida no Congresso nem para aprovar projetos de lei (PLs), que requerem maioria simples (**leia reportagem ao lado**).

Juscelino Filho foi recebido por Lula, ontem, para dar explicações sobre as denúncias das quais é alvo por uso indevido de recursos públicos (**veja quadro**). O Palácio do Planalto não emitiu comunicado oficial a respeito da reunião. Logo após o compromisso, o ministro afirmou nas redes sociais que a conversa com o presidente tinha sido "muito positiva".

"Saí há pouco do Palácio do Planalto, onde tive uma reunião muito positiva com o presidente Lula. Na ocasião, esclareci as acusações infundadas feitas contra mim e detalhei alguns dos vários projetos e ações do Ministério das Comunicações. Temos muito trabalho pela frente", postou. O ministro declarou, ainda, que vai viajar com Lula para "inaugurar a Infovia 01, entre as cidades de Manaus e Santarém, ampliando o acesso à internet na Região Amazônica". Procurado, o Ministério das Comunicações não se pronunciou sobre a reunião.

Na última quinta-feira, em entrevista à BandNews, Lula declarou que Juscelino Filho teria de provar sua inocência para permanecer no cargo. "Se ele não conseguir provar a inocência, não pode ficar no governo", frisou o presidente.

Derrotado no ano passado por Arthur Maia (BA) na escolha interna do União Brasil para presidir a Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ) da Câmara, Juscelino Filho, apadrinhado por Elmar Nascimento (BA), cacique da sigla, estava na "lista de espera" para ocupar posto ou cargo relevante que fosse entregue à bancada. A legenda e o PSD são as duas únicas siglas que não apoiaram oficialmente Lula na campanha do ano passado, mas somam cargos no terceiro mandato do petista. O União Brasil tem 59 deputados e oito senadores; o PSD soma 42 e 16, respectivamente.

Os parlamentares dos dois partidos, portanto, são relevantes para que Lula consiga apoio para suas propostas no Congresso, já que o núcleo duro do petista conta com cerca de 120 integrantes na Câmara e 20 no Senado — quantitativo insuficiente até mesmo para atingir o mínimo necessário para começar uma sessão plenária.

Em entrevista à CNN, Juscelino Filho disse que mostrou na reunião com Lula — da qual participaram também os ministros das Relações Institucionais, Alexandre Padilha, e da Casa Civil, Rui Costa — as agendas realizadas em sua mais recente viagem, de 10 dias, ligada à expansão do 5G, entre outros pontos.

Questionado a respeito das falas da presidente nacional do PT, Gleisi Hoffmann, que defende sua saída, o titular das Comunicações respondeu que não comentaria as declarações da deputada federal. Os gabinetes de Padilha e Costa também não se manifestaram.

O que pesa contra o ministro

Veja as acusações

» Juscelino Filho usou um avião da Força Aérea Brasileira (FAB) e desfrutou de diárias pagas pelo governo para ir a São Paulo, de 26 a 30 de janeiro, alegando compromissos urgentes. Teve duas horas e meia de reuniões oficiais. O restante do tempo foi dedicado à agenda privada. Em Boituva (SP), ele participou de um leilão de cavalos de raça. O ministro devolveu o valor das diárias, mas só o fez um mês após a viagem e 24 horas depois de o caso ser denunciado pelo Estadão.

» O ministro omitiu da Justiça Eleitoral ser dono de ao menos 15 cavalos de raça, que valem em torno de R$ 2,2 milhões.

» Quando era deputado federal, Juscelino Filho destinou R$ 5 milhões do orçamento secreto para asfaltar uma estrada que passa em frente a fazendas dele e de sua família, em Vitorino Freire (MA), cidade administrada por sua irmã, Luanna Rezende.

Cálculo político

A manutenção do ministro das Comunicações, Juscelino Filho, no cargo passou por um cálculo político, após o presidente Luiz Inácio Lula da Silva ser informado de que uma dispensa, neste momento, teria troco do União Brasil no painel de votação do Congresso.

Lula conversou sobre o assunto, nos últimos dias, com os presidentes da Câmara, Arthur Lira (PP-AL); e do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG); e com o senador Davi Alcolumbre (União Brasil-AP), um dos fiadores de Juscelino. Todos disseram que demitir o ministro agora poderia trazer graves consequências para a aprovação de projetos caros ao governo, como o novo arcabouço fiscal.

Ficou acertado, então, que Lula daria um tempo para Juscelino se explicar em público, mas também cobraria fidelidade do União Brasil nas votações.

Esclarecimentos

O presidente pediu a Juscelino que fosse às ruas, à TV e às redes sociais explicar "ponto a ponto" as acusações. De acordo com relatos de auxiliares, Lula cobrou que o ministro "se defenda, vá a público e se manifeste". O silêncio do ministro, até agora, incomodou o Planalto.

A Comissão de Ética Pública da Presidência vai analisar, em reunião no próximo dia 28, denúncias de desvios éticos envolvendo Juscelino. O colegiado pode recomendar ao presidente a demissão do ministro. Nos bastidores do governo, a situação de Juscelino é considerada insustentável a médio prazo.

NAS ENTRELINHAS



Por Luiz Carlos Azedo
luizazedo.df@dabr.com.br

"Terceira via" pode renascer das cinzas em Sampa

O PREFEITO RICARDO NUNES BUSCA A REELEIÇÃO, COM GUILHERME BOULOS E RICARDO SALLES NA DISPUTA. SUA REELEIÇÃO PODE REVIVER DAS CINZAS A CHAMADA "TERCEIRA VIA"

São Paulo terá a disputa de poder de maior amplitude política e ideológica do país em 2024. O ex-ministro e deputado federal Ricardo Salles, do PL, confirmou que concorrerá ao cargo de prefeito paulistano, após chamar uma reunião da bancada federal do partido de seu estado e ser apoiado por todos os colegas de mandato. Representa com mais nitidez a direita brasileira, pelas decisões tomadas e polêmicas em que se envolveu. Salles é o farol ideológico do bolsonarismo real. Seu principal adversário ideológico é o líder do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) e deputado federal Guilherme Boulos, o candidato da esquerda, principalmente de suas alas mais radicais. Sob o manto do PSol, uma confederação de dissidências do PT que deu certo, Boulos está em campanha para prefeito de São Paulo desde 2020, quando disputou o segundo turno com o tucano Bruno Covas. Para o próximo ano, conta com o apoio declarado do presidente Lula, desde a disputa contra Bolsonaro no ano passado.

Entretanto, o embate não reproduz a priori a polarização ideológica ocorrida em 2022. O prefeito Ricardo Nunes (MDB) é candidato à reeleição. Prepara mudanças na administração com esse objetivo, principalmente na comunicação das realizações de sua gestão. Sem ter passado em primeiro plano pelo crivo eleitoral de 2020, quando era um discreto vice de Covas, Nunes tem o desafio de aumentar sua popularidade e aproveitar a vantagem estratégica do cargo para gerar mais expectativa de poder que os adversários, antes de a campanha eleitoral começar. O desafio é construir um perfil político administrativo que lhe dê mais pegada eleitoral, numa cidade cujo maior e mais desgastante problema social, hoje, é a existência de 40 mil moradores de rua. Com um orçamento recorde de R$ 96,5 bilhões e 1,8 milhão de empresas ativas, a capital paulista sedia 63% das empresas estrangeiras instaladas no Brasil.

Sua administração vem sendo reconhecida pela elite paulista, não coleciona escândalos de corrupção e mantém uma excelente relação com os vereadores da cidade, inclusive os do PT, até porque era um deles. Salles e Boulos, porém, conhecem bem a cidade e são muito agressivos. Além disso, Nunes não é um político durão como seus adversários, tem o perfil do boa praça. Entretanto, mesmo dedicado à complexa administração da cidade, cujas eleições costumam ser nacionalizadas, ninguém sabe qual o espaço que ocupará na disputa de 2024. No ano passado, Lula venceu o primeiro turno com 3,2 milhões de votos (47,5%), enquanto Bolsonaro teve 2,6 milhões (37,9%). Simone Tebet, apoiada por Nunes, obteve 558 mil votos (8,1%). Para o Palácio dos Bandeirantes, no segundo turno, apoiou o governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) contra o petista Fernando Haddad (PT), atual ministro da Fazenda.

Nunes aproxima-se de Tarcísio de Freitas, eleito pela longa mão do bolsonarismo, mas apoia o governo Lula, em linha com o presidente nacional do MDB, Baleia Rossi (SP). Conta também com a ex-prefeita Marta Suplicy na sua equipe de governo. Secretária de Relações Internacionais da Prefeitura de São Paulo, uma aliada estratégica, a ex-petista é uma força eleitoral importante, querida nos bairros populares e bem relacionada com os paulistas quatrocentões. Marta acaba de chegar de uma viagem internacional de 16 dias, na qual passou por Madri, Tóquio e Dubai, com um projeto de projeção econômica e cultural da capital paulista no plano internacional, que pode atrair investimentos e mexe com a autoestima da cidade.

Nesse cenário, Nunes tenta ampliar os espaços políticos para sua reeleição. Para isso, precisa deslocar do centro seus adversários eleitorais. Salles é o candidato bolsonarista, mas não necessariamente de Tarcísio, que procura se distanciar do radicalismo de Bolsonaro. Essa aliança com Tarcísio travaria o crescimento de Salles, apesar do grande poder de transferência de votos do ex-presidente da República.

À esquerda, o prefeito paulista busca uma reaproximação com o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, ex-prefeito da cidade, que não pretende concorrer à Prefeitura paulista mais uma vez e sofre com o "fogo amigo" da esquerda petista e do PSol. O sucesso nessa aproximação neutralizaria o avanço de Boulos em direção ao centro, confinando-o à esquerda mais radical.

O grande empecilho é a briga entre o ex-prefeito Gilberto Kassab, homem forte do governo paulista, e o presidente da Câmara Municipal de São Paulo, Milton Leite, duas grandes âncoras políticas na capital.

Do ponto de vista político, as bordas da eleição municipal em São Paulo já estão definidas. Nunes tenta construir um arco de alianças que pode fazer a chamada "terceira via" renascer das cinzas na maior cidade do país.